

"ENGLAND'S TREASURE BY FOREIGN TRADE (2)

.....

2. *Processos e meios particulares para aumentar a exportação de nossos artigos e reduzir nosso consumo em mercadorias estrangeiras (3)*

As rendas ou fundos de um reino, com que este se abastece de mercadorias estrangeiras, são NATURAIS ou ARTIFICIAIS. A riqueza natural é unicamente tudo quanto pode ser poupado ao nosso próprio uso e às nossas necessidades para ser exportados aos estrangeiros. A artificial consiste em nossas manufaturas e nosso ativo comércio de artigos estrangeiros, a cujo respeito fixarei certos pontos talvez de utilidade para a causa em foco.

1. Primeiro, embora este Reino já seja por natureza riquíssimo, ainda assim poderia ser bem acrescido, aproveitando-se as terras sem cultura (as quais são imensas) de modo a não prejudicar de qualquer forma a renda de outras terras já cultivadas mas a nos abastecer, evitando-se as importações de cânhamo, linho, cordame, fumo e de diversas outras coisas até agora mandadas vir do estrangeiro, para nosso grande empobrecimento.

2. Poderíamos igualmente reduzir nossas importações, se prudentemente nos abstivéssemos do excessivo consumo de artigos estrangeiros em nossa alimentação ou vestuário, com tão freqüentes e habituais mudanças de moda que concorrem ainda para aumentar o desperdício e os gastos; vícios esses hoje em dia mais notórios entre nós que antigamente. No entanto, poderiam ser facilmente corrigidos, tornando-se obrigatória a observação de boas leis, tais como as rigorosamente praticadas em outros países contra os referidos excessos, países esses nos quais, determinando-se igualmente sejam usadas as próprias manufaturas, se impede a entrada de outras, sem proibição ou ofensa a estrangeiros em seu recíproco comércio.

(2) — in *Masterworks of Economics, digests of 10 great classics*, Leonard Dalton Abbott, ed. N.Y., 1946.

(3) — *Ob. cit.* pp. 17-19; 20-26.

3. Nas nossas exportações não devemos ter em vista apenas as nossas próprias sobras, mas considerar também as necessidades de nossos vizinhos, de maneira a podermos (ao lado da venda de matérias-primas) ganhar tanto quanto possível com a fabricação das mercadorias de que não podem prescindir ou das quais nem se podem prover em qualquer outro lugar, esforçando-nos também por vendê-las por preços tão elevados quanto possível, sem acarretar uma redução no volume da venda. Mas quanto ao excesso das nossas mercadorias usadas pelos estrangeiros, e cuja aquisição pode ser feita a outras nações, ou cuja venda pode ser reduzida pelo uso de mercadorias semelhantes de outras procedências e mediante um pequeno inconveniente, devemos, neste caso, esforçar-nos por vendê-lo tão barato quanto possível, de preferência a perder o mercado para tais mercadorias. De fato, a útil experiência destes últimos anos nos mostrou que, por estar em condições de vender barato o nosso tecido na Turquia, tivemos consequentemente a nossa venda muitíssimo aumentada, enquanto perderam os venezianos, na mesma medida, o mercado daquelas regiões para suas mercadorias, por venderem-nas mais caro. Por outro lado tivemos há alguns anos, quando em virtude do excessivo preço da lã o nosso tecido era extremamente caro, um prejuízo de, no mínimo, metade de nossos tecidos destinados ao estrangeiro, prejuízo esse do qual, aliás, só nos refizemos (ou quase) devido à grande queda do preço da lã e do pano. Pensamos ser possível elevar a mais de 50% o montante das vendas, em benefício do público, mediante uma redução de 25% no preço daquela e de algumas outras mercadorias, com prejuízo dos rendimentos de particulares. Pois, quando o pano é caro, outras nações passam atualmente a dedicar-se à tecelagem e sabemos não lhes faltar, nem arte, nem material, para tal empresa. Mas, quando, abaixando o preço, expulsamo-las desta atividade, e com o tempo, procuramos voltar aos nossos preços altos, empregam então, de novo, o antigo remédio. De maneira que, através dessas mudanças aprendemos ser inútil esperar-se das nossas mercadorias um rendimento maior do que o permitido pelas suas condições, cabendo-nos antes aproveitar as circunstâncias ao máximo possível, empregando os nossos esforços com cuidado e diligência na fabricação do nosso tecido e de outros artigos, sem falsificação, de modo a valorizá-la e a aumentar o seu uso.

4. O valor de nossas exportações pode igualmente ser muito aumentado se delas nos encarregarmos, em nossos próprios navios, pois, nesse caso, não só obteremos o preço de nossas mercadorias, de acordo com o corrente aqui, mas também o lucro dos mercadores, as despesas de seguro e o frete para transportá-las além-mar. Assim por exemplo, se os mercadores italianos

viessem com a sua própria frota até cá, para buscar os nossos cereais, nossos arenques defumados, ou congêneres, neste caso o Reino só obteria regularmente 25 *shillings* por uma quarta de trigo e 20 *shillings* por um barril de arenques defumados, ao passo que, transportando nós mesmos certas mercadorias até à Itália seria de se esperar obtivéssemos, às mesmas taxas, 50 *shillings* pela primeira e 40 *shillings* pelo último, o que representa uma grande diferença nas vendas do estoque de mercadorias do Reino. Se bem seja verdade dever o comércio estar livre aos estrangeiros, a fim de trazerem e levarem à sua vontade, não menos verdadeiro é estar, em muitos lugares proibidos, ou pelo menos limitada, a exportação de mantimentos e provisões que pode ser feita apenas pelos povos e navios dos lugares onde existem em abundância.

5. Igualmente, um sóbrio dispêndio da nossa riqueza natural poderia aumentar anualmente o suficiente para ser exportado para o estrangeiro; e, a sermos pródigios com o nosso vestuário, que o façamos com o nosso próprio material e as nossas manufaturas, tais como as de tecidos, rendas, borbados, aplicações e congêneres, onde o excesso do rico pode ser o emprêgo do pobre, cujo trabalho, apesar de ser dessa espécie, aproveitará mais ao Império Britânico se empregado para uso dos estrangeiros.

6. A pesca dos mares de S. Majestade — da Inglaterra, Escócia e Irlanda — constitui nossa riqueza natural e só requereria trabalho, prestado de boa vontade pelos holandeses. Estes obtêm anualmente, por esta forma, um lucro, provendo de nosso peixe muitos lugares do Mundo Cristão. E assim voltam e suprem suas necessidades quer de mercadorias estrangeiras, quer de dinheiro, além de manterem uma multidão de capitães e navios, a cujo respeito poder-se-ia fazer um longo discurso, a fim de mostrar a especial organização deste importante negócio. As nossas pisciculturas de Nova Inglaterra, Virgínia, Groelândia, das Ilhas Summer e da Terra Nova são da mesma natureza, produzindo muita riqueza e fornecendo ocupação para manter um grande número de pobres e aumentar o nosso comércio.

7. Um depósito ou armazém para cereal, anil, especiarias, sêda crua, algodão, lã e de quaisquer outras espécies de mercadorias estrangeiras a serem importadas, aumentará a maninha mercante, o comércio, o erário e a alfândega reais por meio da sua reexportação para onde a necessidade o exigir, sistema esse de comércio que tem sido um dos principais meios de levantar Veneza, Génova e os Países-Baixos e outros mais; e para tal empresa a Inglaterra está em situação privilegiada,

nada mais necessitando neste sentido além de nossa diligência e esforço.

8. Também devemos ter em grande conta e proteger aquêles comércios mantidos em longínquos países, pois, ao lado do aumento da frota mercante e do número dos capitães daí resultante, as mercadorias para lá enviadas e de lá recebidas são muito mais proveitosas para o Reino de que as de nosso comércio próximo. Assim, por exemplo: suponhamos valha sempre a pimenta, aqui, dois *shillings* a libra. Se fór então buscada em Amsterdã, aos holandeses, o mercador pode pagar lá vinte *pence* por libra, obtendo ainda um bom lucro no regateio; mas se fór buscar esta pimenta nas Índias Orientais, não deverá pagar além de três *pence* por libra, no máximo, o que representa uma extraordinária vantagem, não sómente na parte destinada ao nosso próprio consumo, mas também em relação àquela grande quantidade que (de lá) transportamos annualmente para as diversas outras nações, a fim de serem vendidas a um preço mais elevado; por aí, é claro, conseguiremos fundos muito maiores, provindos dos lucros obtidos com esses produtos da Índia, de que o alcançado por aquelas nações onde são cultivados e às quais propriamente pertencem, constituindo sua riqueza natural.

.....

9. Seria muito vantajoso exportar dinheiro da mesma forma que mercadorias; fazendo-o apenas comercialmente, aumentaria o nosso erário. Mas sobre o assunto escreverei mais amplamente no próximo capítulo a fim de prová-lo claramente.

10. Seria sábio e vantajoso para o Estado permitir fóssem exportados livres de direitos os produtos manufacturados com material estrangeiro tais como veludo e tôdas as outras sêdas lavradas, fustões, torçal de sêda e semelhantes. Daria emprego a muita gente pobre e aumentaria muito o valor de nossas mercadorias annualmente saídas para outros países e faria com que (tendo em vista este fim), fósse trazido para cá material estrangeiro, com o que se beneficiaria a Alfândega de S. Majestade. Quero lembrar aqui um notável progresso em nossa manufatura de beneficiar só fio de sêda crua estrangeira, a qual ao que eu saiba, no espaço de 35 anos, não empregou mais de 300 pessoas na cidade e nos subúrbios de Londres, e onde atualmente estão trabalhando mais de 14.000 almas, conforme, em cuidadoso inquérito, foi fidedignamente relatado aos Comissários commerciais de S. Majestade. E, pudessem as referidas mercadorias estrangeiras ser esportadas daqui, livres de direito, certo é que esta manufatura haveria de crescer muito, enquanto

decairia, com a mesma velocidade, na Itália e nos Países Baixos. Mas se alguém citar o provérbio holandês: "Vive e deixa os outros viverem" responderei criarem-nos os holandeses, não obstante o seu provérbio, embaraços não só nestes Dominios, onde se intrometem com a nossa vida, mas também em outros lugares onde temos comércio exterior (e eles dispõem de força), arruinando-nos o legítimo direito de viver e assim arrancando-nos da bóca o pão, o que nunca evitaremos, mesmo impedindo-lhes sentir o cheiro da comida, tal como nestes últimos anos, inúmeros de nós o têm feito para grande ofensa e desonra desta famosa nação; será preferível imitar os tempos antigos, adotando sistemas de maior prudência e valor, mais agradáveis a Deus e adequados à nossa velha reputação.

11. E' necessário também não taxar as mercadorias nativas com direito muito pesado, pois, encarecendo-as para o consumo de estrangeiro, impede-se a sua venda. E especialmente as mercadorias estrangeiras entradas para serem de novo transportadas, devem ser favorecidas, uma vez que de outro modo, esta forma de comércio (de tão grande importância para o bem da Comunidade Britânica) não pode prosperar nem subsistir. Mas o consumo de tais mercadorias estrangeiras no Reino pode ser taxado mais pesadamente, o que reúnará para o Reino em um lucro na Balança do Comércio, habilitando assim o rei a acumular, através de seus rendimentos annuaes, maior soma de moeda.

12. Finalmente, em tôdas as coisas devemos esforçar-nos por dar o máximo possível de nós mesmos, trate-se de coisas NATURAIS E ARTIFICIAIS; tanto mais quanto, por serem muito mais numerosos os individuos que vivem de officios, em relação àquelles senhores dos frutos naturais, devemos manter cuidadosamente estes esforços da multidão, a qual representa a maior força e riqueza, tanto do Rei como do Reino; pois, onde o povo é numeroso e os officios bons; o tráfico deve ser ai grande e o país rico. OS ITALIANOS empregam número maior de pessoas, ganhando mais dinheiro com a sua atividade e com as manufacturas de sêda crua do reino da Sicília do que o Rei da Espanha e seus súditos recebem como renda desta rica mercadoria. Mas porque precisamos ir buscar nossos exemplos tão longe, quando sabemos não nos trazerem as nossas mercadorias naturais tanto quanto a nossa indústria?

.....